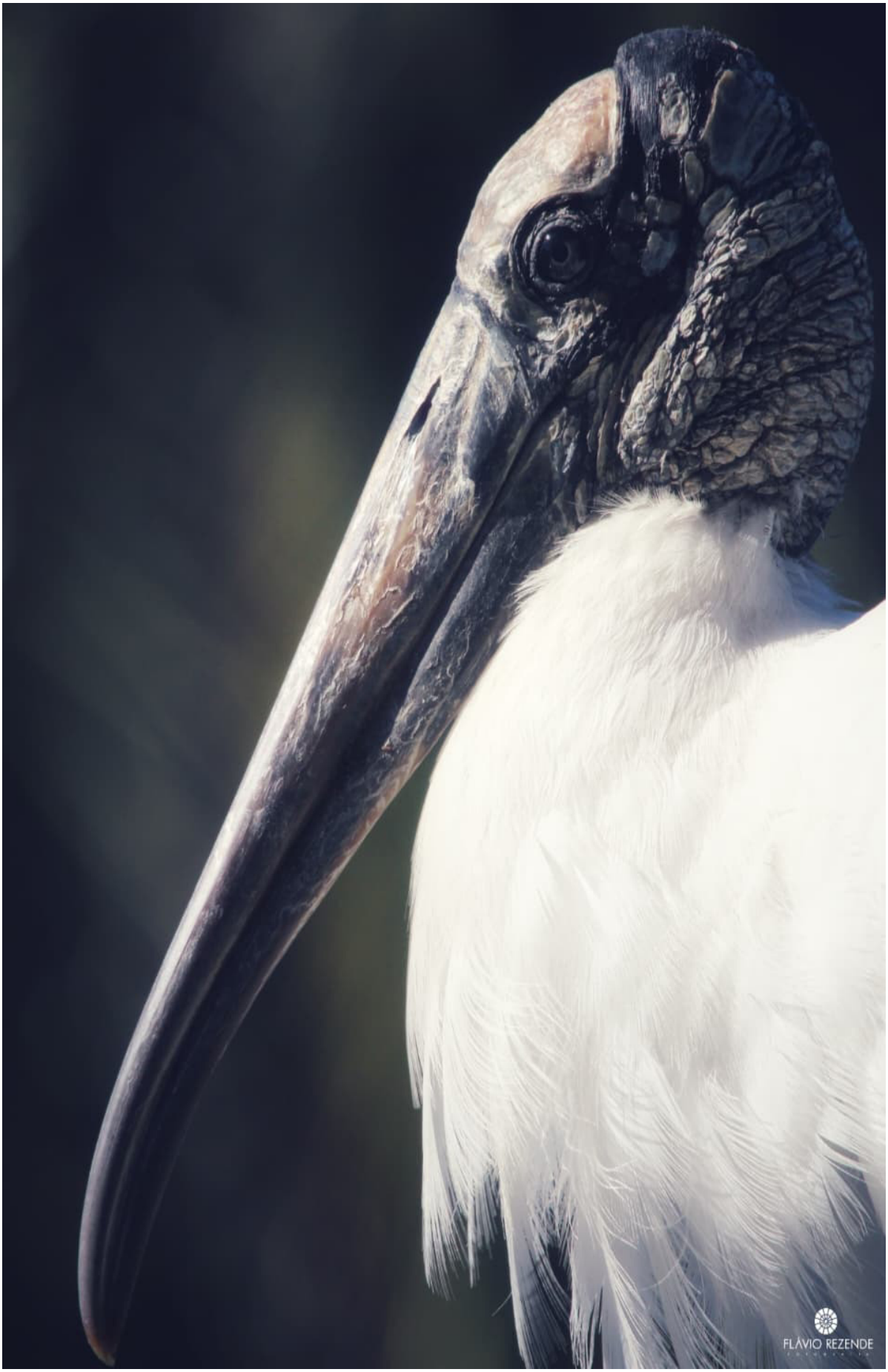
THORZINHO

Revista Literária
ISSN 3086-3961
Volume I – Núm. 10 – 01 de novembro de 2026



Crônicas - Página 18


FLÁVIO REZENDE

Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Thorzinho deseja dedicar estas palavras de carinho e gratidão a todos os nossos colaboradores, que permanecem conosco, edição após edição, oferecendo seus textos tão lindos, cuidadosos e encantadores.

Cada contribuição chega como uma pequena semente lançada à terra. São palavras que falam de um meio ambiente que não está apenas do lado de fora do nosso corpo, mas também dentro dele: na maneira como sentimos, pensamos, sonhamos e nos relacionamos com todas as formas de vida. Nossos colaboradores escrevem sobre animais, rios, montanhas, árvores e paisagens, mas seus textos não se limitam à física dos corpos. Eles atravessam a matéria e alcançam aquilo que Fernando Pessoa talvez reconhecesse como a metafísica das coisas: esse mistério que habita o mundo e que tantas vezes só a poesia consegue tocar.

Agradecemos também aos nossos leitores, pela presença constante, pelo carinho e por caminharem conosco nessa pequena e persistente aventura literária. Uma revista só encontra seu verdadeiro sentido quando suas palavras encontram alguém disposto a recebê-las. Vocês fazem parte dessa caminhada.

Continuamos lutando por um mundo mais humano, mais sensível e cuidadoso com os animais e com a natureza. Sonhamos com um tempo em que o respeito e o afeto sejam sentimentos naturais ao ser humano, não exceções, não gestos extraordinários, mas maneiras cotidianas de existir. Um mundo em que nenhuma criatura seja tratada como coisa, nenhuma árvore seja vista apenas como madeira e nenhum rio seja reduzido a um recurso a ser explorado.

Queremos que o homem abandone os machados e descubra a delicadeza das penas. Que, em vez de ferir as árvores, aprenda a lhes fazer cócegas na alma. Que compreenda que a natureza não está aqui apenas para servi-lo, mas para compartilhar com ele a extraordinária experiência de existir.

A Revista Thorzinho continuará abrindo suas páginas para essas vozes que cuidam, imaginam, protegem e encantam. Porque acreditamos que a literatura também pode plantar árvores, salvar bichos, aproximar pessoas e ensinar às crianças que o mundo é uma casa compartilhada por muitos seres.

A todos os nossos colaboradores e leitores, nosso abraço mais afetuoso.

Que nunca nos faltem palavras para cuidar da vida.

Com carinho,

Rosângela Trajano

Editora-chefe



Contos

O banquete silencioso

A hora do jantar se aproximava e Marina ficava cada vez mais ansiosa. Ela iria conhecer a família do seu namorado, Finn. O jantar com a família tradicional de irlandeses de São Paulo, foi marcado para o dia 31 de outubro.

Marina se atrasa e ao ver Finn, ele sussurra:

— Não fale nada!

Pensativa sobre o pedido, em certo momento ela quebra o silêncio e pergunta a Finn:

— Por que preciso ficar quieta?

Um grande barulho na mesa acaba com a conversa que mal começou. A tia de Finn exclama, e Finn defende a namorada:

— Eu não contei sobre a tradição de honrarmos os mortos, tia!

A mãe de Finn tenta acalmar a confusão:

— Não há mais o que fazer, a não ser esperar que não ocorra nada.

A tia de Finn acredita que o silêncio quebrado serviu para espíritos mal-intencionados acharem a família, podendo atrair situações futuras ruins. Marina então olhou para o lugar vazio à mesa, destinada à avó de Finn, que já havia falecido, e nesse momento percebeu que o prato que estava com a sopa, rachou.

Amanda Laurentino

Amanda é natural de São Paulo e reside na Zona Leste da cidade. Bacharel em Jornalismo, Técnica em Biblioteconomia e em Museologia, tem uma pesquisa reconhecida sobre Racismo e Classe Social no Jornalismo Policial. Possui habilidades em análise de discurso, análise de conteúdo e conservação e preservação de patrimônio cultural. Desde muito cedo nutri um forte interesse pela pintura e desenho (hashura e aquarela com café) e a escrita, em especial a poesia.

amands.cl@hotmail.com e instagram: @amandaclaurentino



A Revolta dos Palpos

Breno De Almeida

Não nasci só. Respondia isso sempre. Mas onde estão os outros? Meus compatriotas? Morreram. Morreram de quê? De tudo quanto é jeito: esmagados, queimados, de fome, de frio, de sede, ou pior, pegos pela tal da *Pepsis*. Que nome gozado. Pois é, quem deu esse nome foi um macaco pelado norte-americano. Sempre um deles, nunca um dos nossos.

Dizem que lá no sul não tem a maldita, vai saber! Mas é uma pernada da peste. Essa desgraça tem asas e veneno, te busca até no quinto dos infernos. Também temos veneno, camarada, que não serve para nada contra o diabo. E que morte miserável. A *Pepsis* caça, ferroa, sequestra e te infecta. É o tal do boa noite cinderela. Deus é mais! Cadê São Francisco das Aranhas para nos ajudar?

Deveríamos nos juntar igual formiga, abelha, cupim. Tudo comunista safado. Já viu aracnídeo com pensamento social, ainda mais de nossa categoria? Pelo menos lá tem fêmeas à vontade. Aqui é cada macho que lamba seu palpo, ponto final. O andar do macho é triste: nasce, come, cresce, trepa e morre. Não tem isso de lei do mais forte; não tem força no mundo que evite esse ciclo cruel. Mas existe beleza nisso, não? Se há, deve ser subjetiva ou coisa de modernista, pois não a vejo em canto algum. Mas isso também é culpa das fêmeas, todas sempre exigentes. Querem os mais fortes, coloridos, robustos e exibidos. No final, a gente vira janta. Lembra do louva-deus? Topa tudo por uma trepada. E assim perdeu a cabeça. É para a perpetuação da espécie, dizem. E só nós, os machos, que tomamos nos fundilhos? Na próxima vida, quero vir fêmea, pois ser macho é de lascar. E o que faremos agora? Você, eu não sei, mas eu irei para o litoral. E as fêmeas? E a época de procriação? Pro inferno! Hoje tomo meu próprio rumo. Hoje fujo desse sistema miserável! E se morrer? Morrerei com a maresia em minhas oito pernas, adeus.

Horas depois, foi encontrado morto, não por uma vespa ou outro bicho, mas por uma manga que caiu de madura.



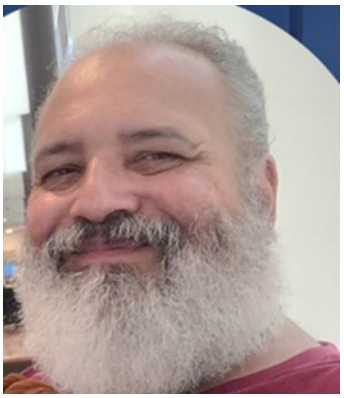
Sentia muita falta de seu amigo canino, companheiro fiel e inseparável por quase duas décadas. No trabalho, escutou que um novo aplicativo transformava fotos em vídeos impressionantemente realistas. Experimentou com a foto do cão. O resultado foi incrível, porém a dor aumentou.

Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@elidiomar.ribeiro

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.



O Saci diferentão

Evandro Valentim de Melo

Noite alta. A população da pequena cidade às margens da Mata Atlântica, quase toda adormecida, cedia a vez às criaturas noturnas. A lua nova, com seu sorriso inclinado, observava lá do céu a quietude da paisagem de primavera, estação em que a natureza convida à perpetuação das espécies.

Do interior da floresta, logo no primeiro minuto do dia 31 de outubro, iniciaram-se os discretos estalidos. O fenômeno ocorre apenas uma vez ao ano, sempre nessa data.

Caso alguma pessoa procurasse saber a origem daquele som, teria de se aproximar de um bambuzal de taquaruçu no interior da mata. Fosse uma pessoa observadora, além de corajosa, por estar na floresta nesse horário, testemunharia o surgimento de frestas nos gomos das varas de bambu, frestas aos poucos se alargando, até que, de dentro de cada um dos gomos, ocorre o nascimento de pequeninos sacis, ou melhor, da safra desses novos seres que despertam a cada ano, na noite do último dia de outubro.

Os minúsculos e arredios negrinhos pernetas saltam e partem, em incrível velocidade, rumo a todas as direções da rosa dos ventos, espalhando-se pela floresta.

Mas, "peraí"! Apareceu mais uma fresta, retardatária. Essa se ampliou bem devagar, preguiçosa... Mais um saci surgiu. É diferente dos anteriores. Pele alva como açúcar refinado. O sacizinho esfregou os olhos, piscou com vigor diversas vezes, na tentativa de focar o que o negrume da noite acobertava. Sem sucesso, preferiu aguardar o amanhecer, na segurança do gomo do bambu. Desconhecia que os demais sacis já haviam partido minutos antes.

O astro-rei chegou mansinho, disse "oi" à lua, desejou-lhe bom descanso e assumiu seu posto, liberando muita luz, tornando azul o céu. A vida pulsava vigorosa na floresta acordada; o saci conseguia escutar diversos sons, mas quase nada enxergava. Saiu de seu casulo. Tateando, percebeu as diversas fendas pela vara de bambu da qual descia.

Concluiu que seus irmãos, assim como ele, tinham deixado suas antigas moradas. Como encontrá-los? Pisou o solo pela primeira vez. Em curtos saltos, explorava aqui e acolá. Avançou devagar, familiarizando-se ao ambiente. Que riqueza de odores na mata.

Não fazia ideia dos destinos de seus irmãos. Prosseguiu. Ao deixar a proteção das sombras e adentrar uma clareira, pareceu que mergulhara em lava vulcânica. Não suportou a incidência direta dos raios solares. A pele ardia demais.

Retornou o mais rápido que pôde ao abrigo sombreado da touceira de bambus. Sentou-se em uma pedra arredondada.

— Ei, saia de cima de mim!

Que susto levou o saci!

— Calma, rapazinho, não tenha medo.

— Quem está aí? — Aguçou a audição e piscou com força, na tentativa de identificar a criatura que lhe falava.

— Você parece um saci, mas é bem diferente dos que conheço. Faz algumas horas, vi alguns em desabalada carreira. Meu nome é Tito, sou um jabuti.

— Os outros sacis são meus irmãos. Fiquei pra trás. Não sei aonde foram. Você disse que sou diferente deles... Sou diferente por quê?

— Qual o seu nome?

— Saci, ué.

— Saci não é nome, é espécie. Até hoje, todos os sacis que encontrei têm pele preta como noite sem lua e sem estrelas. A sua é branca, aliás, muito branca. Jamais vi um saci desse jeito. E olha que já vivi muito.

O saci diferentão ficou em silêncio. Tito prosseguiu.

— Todos nós precisamos de um nome. Posso lhe chamar de Desbotado?

— Por mim, tanto faz.

— Então, com autoridade dos meus muitos anos de vida, eu lhe batizo: Desbotado.

Tito contou a Desbotado muitas histórias conhecidas em seus mais de cem anos, desde que deixara o ovo de onde saíra. O grande interesse de Desbotado motivou o longevo jabuti a falar como nunca antes em sua vida. Ao saber o que o saci havia sentido quando esteve na clareira próxima, Tito alertou:

— Sua pele, tão branca assim, é sensível. Sorte sua eu ser um jabuti conhecedor dos segredos das plantas. Espere um instante.

Vagarosos passos depois, Tito depositou ingredientes colhidos sobre a superfície de uma rocha em formato de bacia.

— Desbotado, venha aqui onde eu estou.

— Acho que não consigo...

— Guie-se na direção do som de minha voz.

Desbotado saltitou sob a sombra das árvores.

— Viu? Não foi tão difícil.

— Que cheiro é esse?

— Misturei folhas de goiabeira, pétalas de calêndula, cascas, raízes... Ingredientes secretos que sei combinar... Pegue uma pedra arredondada e esmague essas coisas até obter um tipo de gel. Espalhe por todo o seu corpo. Espere a pele absorver e você nunca sofrerá com os raios solares.

— Sério? Que maravilha, Tito! Será ótimo percorrer a floresta sem aquela queimação.

— Do mesmo jeito que seus irmãos, você é bem esperto, preocupado com a floresta e disposto a defendê-la. Terá de conviver com essas características que o diferenciam dos outros sacis. Só a mãe natureza, ninguém mais, conhece as razões para você ter nascido assim... Foi muito bom conhecê-lo. Agora, preciso ir. Até mais ver, Desbotado.

— Muito grato por sua ajuda, Tito.

Desbotado macerou os ingredientes. Besuntou todo o corpo com o gel e se sentiu refrescado. Sol a pino, ele se aproximou da clareira em que descobrira mais cedo, o quanto lhe doía a pele exposta ao sol. Deu um salto corajoso e sentiu imensa e indolor alegria.

Sob o sol avançou. A velocidade não se comparava à de seus irmãos de pele preta, mas já era um começo. Conheceu e proseou com bichos encontrados pelo caminho: o amuado queixada, o desconfiado saruê, o corajoso cachorro-vinagre e a retumbante arara, o bicho mais barulhento. Todos, de início, estranhavam aquele saci diferentão, mas, depois da conversa, tornavam-se bons amigos.

Desbotado continuou até chegar às margens de pequeno e cristalino córrego. Sedento, bebeu bastante água.

Encostou-se a um cedro rosa e se pôs a matutar sem perceber, na retaguarda, a aproximação do crepúsculo. De repente, Desbotado se deu conta do manto noturno estendido sobre o dia. A escuridão furtava-lhe a pouca visão que detinha. A lua nova pouco iluminava.

Para não dar chance ao azar, ele escalou a árvore, a fim de passar a noite mais seguro, protegido lá em cima em maio à copa.

— Preste atenção, rapaz! Por um triz você não esbarrou em mim. – Disse a voz vinda de algum lugar entre a folhagem.

Será algum bicho faminto? — Pensou o saci amedrontado.

— Desculpe-me se o assustei.

— Quem está aí?

A deficiência visual de Desbotado poderia tê-lo colocado em perigo. A resposta veio de uma grande coruja jacurutu.

— Não tenha medo. Coisinhas esquisitas como você não fazem parte de minha dieta. Além do mais, acabei de jantar. Meus grandes olhos já perceberam que sua visão tem pouca valia à noite.

Ainda desconfiado, Desbotado permaneceu arredio.

— Já vi um bocado de sacis. Parecem com você, só que de cor diferente. Você é um saci nórdico?

— Não sei o que é nórdico, mas sim, sou um saci. E já sei que não sou igual aos meus irmãos. Todos com quem conversei hoje me disseram isso. Não enxergo nadinha à noite, por isso subi aqui, para me proteger. Quem é você?

— Acalme-se, pequenino. Meu nome é Átila. E o seu?

— Desbotado.

— Combina com você. — Átila comentou a gargalhar.

Estabeleceu-se longo diálogo. Não é segredo o quanto as corujas são sábias. Tanto que emprestam sua imagem à Filosofia. Desbotado perguntava mais que jornalista. A ave até sentiu cãibra na língua.

Muito tempo depois:

— Desbotado, como enxergo longe, vi lá adiante um amigo a quem pedirei um favor. Não se vá até eu retornar.

— Só descerei daqui quando amanhecer. – Disse o saci.

Algum tempo depois, Átila pousou no mesmo galho.

— Trouxe uma beberagem preparada com plantas, feitas por um jabuti amigo.

— Esse jabuti se chama Tito?

— Ele mesmo. Então já se conhecem...

— Graças a ele o sol não mais maltrata minha pele clara.

— Tito me garantiu que se você beber essa gororoba, quer dizer, essa mistura, seus olhos enxergarão direitinho, inclusive à noite. Deixe-me ver se lembro o nome das plantas.

Átila encostou a asa direita no bico, fechou um dos olhos, pensou, pensou...

— Essa coisa que ele fez leva flor de sabugueiro, eufrásia, margarida dourada e...

— ... Alguns ingredientes secretos que ele não revelou.

— Exato!

Sem qualquer receio, Desbotado ingeriu a "vitamina de mato". Logo em seguida, sentiu-se molenga, tanto sono...

O manto noturno foi recolhido, dobrado e posto em uma gaveta do guarda-roupa da mãe natureza. De outra gaveta, ela retirou o lençol (ou "lenSol"), desdobrou-o e a manhã se fez.

Ao abrir os olhos, um maravilhado saci exclamou:

— Como é linda a floresta!

Átila, que cochilava, deu-se ao trabalho de abrir apenas um dos olhões e balbuciar:

— Pare de barulho e me deixe descansar.

Em agradecimento, Desbotado abraçou Átila com bastante força. Em troca, recebeu dele uma bicada no cocuruto. Partiu mais feliz que saci em floresta preservada.

Ao modo de seus irmãos pretinhos, o saci diferentão já se movia em redemoinhos que ele próprio criava. A velocidade agora era bem maior. Liberdade de ir e vir, sem receios. Sentia vontade de conhecer cada centímetro daquela belezura. E assim o fez. Apenas um senão o impedia de ser totalmente feliz: ainda não vira nenhum de seus irmãos.

Em suas saltitanças, avançou até um dos limites da floresta. Do local, conseguia ver moradias humanas. Tito e Átila haviam aconselhado: "mantenha distância, não são confiáveis".

Apesar da sabedoria dos mais velhos, os jovens quase nunca os escutam. Replicando tal comportamento, Desbotado resolveu dar uma espiada na cidadezinha. Escondeu-se em absoluto silêncio na imensa copa de uma mangueira. À sombra dela, sentadas em bancos de madeira, diversas pessoas conversavam. Em breve, teria início um jogo nada bom para os

que viviam na mata. Combinaram um desafio: quem conseguisse caçar a maior quantidade de bichos seria o vencedor. Na próxima madrugada adentrariam a floresta e lá permaneceriam por vinte e quatro horas. Em seguida, retornariam para apresentarem os troféus: os bichos capturados ou abatidos. Aquele com mais "troféus" seria declarado campeão.

O saci sentiu preocupação e raiva misturados. De uma hora para outra, forte redemoinho levantou poeira, pedregulhos, gravetos e folhas secas, obrigando todos a saírem em disparada.

Desbotado voltou para a floresta. Precisava, com urgência, avisar aos amigos da mata do perigo iminente. Assim que retornou, viu-se diante de seus irmãos de pele preta. Todos o olhavam com curiosidade, estranheza. Ele se antecipou:

— Sim, sou um de vocês. Nascemos no mesmo bambuzal de taquaruçu, na mesma madrugada. Eu tenho a pele branca, diferente de vocês, mas sou um saci.

— Por que você é assim? – Um dos sacis perguntou.

— Mistérios da mãe natureza... Sou um saci, apenas tenho algumas diferenças.

— Sei não... Você veio de lá de onde moram os humanos...

Os sacis "normais" não se sentiam à vontade...

Por meio de um redemoinho, Desbotado girou em torno do grupo e voltou ao mesmo lugar.

— Eu tive problemas para deixar o bambuzal junto com vocês, mas com a ajuda de bons amigos, tudo se resolveu.

Alguns dos sacis se aproximaram. Desconfiados, tocavam a pele de Desbotado e recolhiam a mão, com rapidez. O "diferentão" se manteve imóvel e aproveitou para falar aos irmãos. Precisava agir.

— Acreditem, foi providencial eu ter ido à cidade. E mais providencial ainda encontrar vocês. Descobri coisas terríveis que estão prestes a acontecer.

— Os humanos são perigosos, todos sabemos que quanto mais distantes deles, melhor.

— Dois grandes amigos, Tito e Átila, me disseram isso. Aliás, foram eles que me ajudaram desde de que saí do bambuzal.

Ao ouvir aqueles nomes, os demais sacis resolveram ouvir Desbotado.

— Aqueles humanos disputarão pra ver quem consegue caçar mais bichos.

— Eles estão passando fome?

— Não. Puro exibicionismo. Começarão na próxima madrugada. Assim que ouvi, voltei para cá. Todos os bichos precisam ser avisados. Sozinho eu não conseguirei, vocês me ajudam?

Os sacis fizeram um círculo, conversarem entre si. Um deles se pronunciou pelo grupo:

— Conte com a gente e seja bem-vindo à família.

À noite, na pracinha da cidade, os participantes do desafio ultimavam os preparativos, checavam equipamentos, armadilhas, armas, munição, enfim, toda a parafernália. Partiram

rumo à mata. Retornariam dali a vinte e quatro horas.

Adentraram em silêncio. Iluminavam o caminho com lanternas. Armadilhas de vários tipos para aves, mamíferos e répteis foram espalhadas. Depois de muito caminhar, um deles comentou:

— Esta mata nunca esteve tão silenciosa...

— Até agora, também não vi nenhum movimento, nada, nada. Estranho demais.

— Se alguém quiser desistir, que volte.

— Que nada, ninguém vai amarelar.

Horas de caminhada, sem terem visto um bicho sequer. Acamparam para descansar. Depois de rápido lanche, acomodaram-se ao redor da fogueira acesa. Ventinho bom refrescava o calor, parecia até canção de ninar. Os marmanjos caíram no sono.

Barulho de gravetos pisados despertou um dos caçadores. Ele bocejou e se espreguiçou. Ainda estava escuro. Pensou em fazer café fresco para a tropa. Coçou a cabeça a perguntar a si mesmo: “Cadê o bule?”. Além do bule, sentiu falta da mochila, das armas, das ferramentas, de tudo.

— Pessoal, acorda!

— O que houve? – Alguém perguntou.

— Nossas coisas desapareceram!

Confusão. Todos os apetrechos haviam sumido. A constatação não poderia ser em pior momento. Ouviu-se forte e assustador rugido de uma majestosa onça pintada. Olhos brilhantes, ela se prostrou em frente aos, até então, corajosos caçadores, agora estáticos de pavor.

De trás de uma das árvores, surgiu um ser alto, fantasmagórico e fluorescente.

— O que vocês vieram fazer na floresta?

— Por favor, tenha piedade da gente!

— Vou perguntar de novo, o que vocês vieram fazer na floresta?

— A gente já se arrependeu!

— Vou perguntar pela última vez, o que vocês vieram fazer na floresta? Se eu não ouvir uma resposta, vou deixar minha amiga aqui jantar. Ela está faminta.

— Não, por favor. Eu respondo! Viemos caçar. Mas não pegamos nenhum bicho.

— Não gostamos de caçadores. Vocês podem vir à floresta para fazer piquenique, passear, colher frutos, flores... Caçar só por caçar, jamais, ouviram bem? Da próxima vez, não será só um aviso. Sumam daqui!

Aos tropeços, morrendo de medo, o grupo saiu o mais rápido que pôde.

O ser alto, fantasmagórico e fluorescente se desfez. Eram sacis empilhados, vestidos de folhas de bananeira. Desbotado no topo.

— Você ficou ainda mais branco do que já é, parece mesmo uma assombração! Como

conseguiu ficar tão brilhante?

— Uns tais fungos colhidos em cavernas por nosso amigo Tito. — Desbotado contou.

O rugido da onça mal-humorada por estar com fome interrompeu a comemoração.

— Amiga, você foi fundamental para que a floresta continuasse protegida. — Externou um dos sacis ao abraçar o felino, que rugiu e se afastou.

Desde então, quando um humano desavisado se aventura pela mata a caçar por esporte, volta assustado e de mãos vazias. A história é sempre a mesma: uma onça feroz acompanhada de um ser enorme, reluzente e ameaçador, que os expulsa.

==========



Ilustração de Beatriz Mota, para a capa de O Saci diferentão, livro de Evandro Valentim, lançado pela Tagore Editora, em 2022.

Em águas turbulentas

Por Gleice Souza

Olá! Eu sou um tipo de bagre (que os cientistas chamam de *Copionodon pecten,* de Pinna 1992). Eu moro no riacho Piabinhas, na Chapada Diamantina, na cidade de Mucugê, na Bahia. Minha vida começa aqui mesmo nesse riacho!

Não existe uma época certa do ano para os filhotes da minha família nascerem. Isso acontece porque a gente tem um truque para sobreviver melhor: as mamães da nossa espécie não botam todos os ovos de uma vez só. Elas vão botando os ovinhos aos poucos, o que faz com que a gente tenha bebês nascendo durante quase o ano inteiro!

Assim que nasço, já consigo me alimentar sozinho! Como sou um peixe que vive lá no fundo do riacho, meu cardápio é feito do que encontro por lá: algas e insetos. Enquanto sou jovem e preciso crescer rápido, meu prato favorito são as larvinhas de insetos. Já quando fico adulto, continuo comendo bastante inseto, mas sem deixar as algas de lado.

Divido minha casa com minha espécie-irmã, muito parecida comigo, outro bagre chamado *Copionodon orthiocarinatus,* de Pinna 1992. Mas, como o corpo dele e o jeito de viver são um pouco diferentes do meu, conseguimos morar juntos no riacho Piabinhas em total harmonia. Enquanto eu fico bem grudado no chão, ele prefere nadar tanto no fundo quanto no meio da água. Nós dois gostamos de comer insetos e algas, mas cada um tem suas preferências por tipos diferentes de insetos. Tenho até a impressão de que ele aproveita quando estou revirando o fundo para pular nos insetos que sobem flutuando, mas isso ainda é um mistério! Esse outro bagre prefere nadar em águas calmas e tranquilas, enquanto eu sou bem mais aventureiro e adoro uma boa correnteza. Mesmo assim, como nós dois somos bastante adaptáveis, de vez em quando você ainda pode nos encontrar passeando juntos no mesmo lugar.

Em alguns lugares do riacho, também moram outros peixinhos, como as piabas, que são tão conhecidas por aqui que deram o nome ao nosso lar! Eu não costumo conviver muito com elas, mas vejo minha espécie-irmã passeando por perto, já que as duas gostam de ficar nas poças maiores de água. Não sei muito sobre os gostos das piabas e nem sei o nome científico delas, mas sei que existem de montão por vários cantos!

Eu sou exclusivo da Chapada Diamantina, ou seja, você só vai me nesse cantinho do mundo! Por ser tão raro, preciso de atenção e cuidados para não desaparecer. Alguns cientistas já pesquisaram sobre mim e já entendem o meu jeito de viver. Mas a minha espécie-irmã ainda é um mistério... é como se ela fosse invisível para os livros de ciência! Torço para que logo, logo pesquisem sobre ela também.

Estudos recentes mostram que nós dois já corremos risco de sumir (estamos na categoria de espécies “quase ameaçadas”) por causa de impactos provocados pelo ser humano, como a mineração e o turismo sem controle. Por isso, precisamos de mais pesquisas que mostrem o quanto somos importantes para a natureza. Só assim poderemos continuar nadando por aqui por muitos e muitos anos!

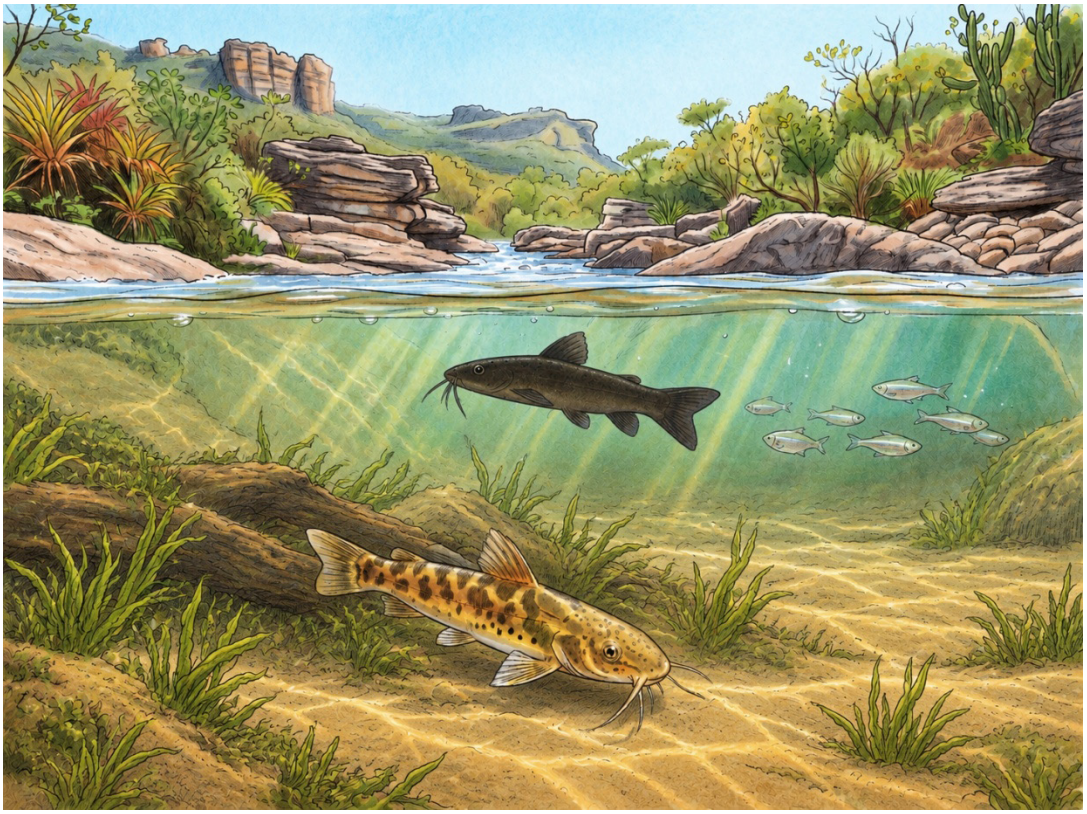


Figura 1. No curso de um mesmo riacho, diferentes peixes coexistem, compartilhando o espaço aquático em uma dinâmica contínua de vida e interação. Imagem ilustrativa gerada por inteligência artificial - Gemini.

O sapinho da menina Pati

Rosângela Trajano

O sapinho cantava à janela do quarto da menina Pati.

A menina Pati deitada na cama sorria e dizia

- Sapinho, eu te amo!

Depois abria a boca com soninho, mas dormir não queria.

A lua toda abusada pediu ao sapinho pra parar de cantar, pois queria dormir.

O sapinho ficou quietinho. E veio um silêncio doído.

A menina Pati viu aquilo tudo e ficou revoltada

- O sapinho vai cantar a noite inteira! Você que se mude para outro lugar!

A lua arrumou as suas coisas e se mudou para o outro lado da Terra

- Menina abusada! Eu que não fico neste barulho!

A lua só conhecia o barulho das máquinas, e não sabia que um sapinho podia cantar!

A menina Pati não ficou toda feliz, mas achando bom a noite escura pediu ao sapinho para voltar a cantar, e assim fez nele um carinho sem nem mesmo querer.

E o sapinho cantou alegremente a noite inteira mesmo depois que a menina Pati adormeceu, porque ninar quem amamos ainda vale a pena!

FIM



Crônicas

Uma voz das penumbras

por Daniel Murcia



Ilustração gerada por Inteligência Artificial (Gemini / Google).

Olá, meu nome é Onco. Pertenço ao grupo dos onicóforos – os vermes-de-veludo. Talvez seja a primeira vez que você ouve falar de mim, e não o culpo: somos habitantes discretos e pouco conhecidos. Nasci na penumbra úmida de uma floresta seca da Ilha Coiba, no Panamá. Meu corpo macio e flexível emergiu de um ovo escondido sob a serrapilheira, à sombra de árvores contorcidas que resistem à estiagem. Não não fui batizado pela ciência; não deram um nome formal à minha espécie. Mas existo, caminhando silencioso com minhas pernas lobuladas sobre o solo que respira vida. Chamam-me de “fóssil vivo”.

Minha história precede os dinossauros. Minha linhagem emergiu no Período Cambriano, há cerca de 515 milhões de anos. Acompanhamos as profundas transformações do planeta até chegar ao que sou hoje.

Desde o início, meu mundo foi um labirinto de raízes, troncos caídos e pedras cobertas de musgo. Ali aprendi a me mover devagar, a cultivar a paciência. Minha estratégia de caça não depende de velocidade, mas de precisão: sou um silencioso de artrópodes. Para imobilizar minhas presas, disparo dois jatos de uma substância viscosa e pegajosa que endurece rapidamente no

ar. Essa baba elástica é minha arma, minha defesa e meu sustento na quietude da noite.

Meu ciclo de vida é discreto. Não há metamorfoses espetaculares nem cantos que anunciem minha presença. Cresço lentamente, trocando de pele para abrir espaço a um corpo que se expande – cada muda é um renascer silencioso.

A floresta seca é meu refúgio e minha vulnerabilidade. As mudanças climáticas alteram os ritmos da ilha: as chuvas atrasam, o solo racha e os microhabitats úmidos tornam-se escassos. Embora Coiba seja um parque nacional protegido, as fronteiras territoriais não detêm o avanço do calor. Minha espécie corre o risco de desaparecer antes mesmo de ser descrita.

Não temo grandes predadores; meu corpo oculto me. Meu verdadeiro inimigo é invisível: o aumento da temperatura, a perda de umidade e a ruptura dos ciclos da floresta.

Ainda assim, sei que minha linhagem tocou a imaginação humana. Existem centenas de representações culturais inspiradas em nosso grupo, desde animações e ilustrações até artesanatos. Embora eu permaneça oculto na penumbra, minha existência desperta curiosidade e fascínio.

Se algum dia você encontrar um de nós e der nome à minha espécie, lembre-se: não sou uma aberração nem uma mera curiosidade biológica. Sou parte de um equilíbrio delicado, um nó na teia viva que sustenta a ilha. Mesmo que o clima mude, nossa presença continuará ecoando no silêncio da serrapilheira.

A estrela

Sob o manto de estrelas brilhantes,
os povos antigos entoam seus cantos,
pureza que flui em rios sagrados,
sabedoria guardada em suas mãos.

A terra respira ao lado de seu povo,
o vento sussurra vozes presentes,
raízes profundas abraçam a vida,
a selva protege, a lua ilumina.

Em cada fogueira dança a união,
força cósmica, canção eterna,
os astros vigiam com luz verdadeira,
a natureza é mãe e bandeira.

Que nunca se rompa este laço divino,
estrela e raiz no mesmo caminho,
povos que ensinam com o coração,
que somos a terra, que somos canção.

Daniel Murcia

O Ritmo da Floresta Atlântica: o desabafo da preguiça-de-coleira

por Jurací Gonçalves da Rocha Neto



Ilustração gerada por Inteligência Artificial (Gemini / Google).

Olá! Sou a preguiça-de-coleira; *Bradypus torquatus* (Illiger, 1811). Fui gestada por volta de seis meses, entre o final do período chuvoso e o início da seca. Minha mãe teve apenas a mim, ela me explicou que nossa espécie só pode gerar um filhote por vez. Trago este nome pela pelagem preta e densa ao redor do meu pescoço, que que molda como uma elegante coleira.

Sou um mamífero solitário, de hábitos calmos e movimentos pausados. Prefiro ficar mais ativa durante as manhãs, passando a maior parte do tempo nos topos das árvores, onde posso permanecer até quatro dias sem descer. Só enfrento a longa caminhada até o chão quando preciso urinar e defecar. As poucas matas fechadas onde eu e meus irmãos vivemos pertencem ao bioma da Mata Atlântica, restritas hoje a fragmentos nos estados da Bahia e Sergipe.

Não sou grande, meço cerca de 55 cm e peso quase 5 quilos. Minha alimentação é baseada em folhas e prefiro comer as folhas jovens de algumas árvores porque elas são mais fáceis de digerir e contêm menos toxinas. As minhas favoritas são as folhas da embaúba.

Atualmente, enfrentamos uma crise silenciosa: a destruição contínua da nossa casa. A espécie humana derruba as árvores que usamos para morar e se alimentar. Como não nos deslocamos por longas distâncias fora do nosso habitat, o espaço que nos resta encolhe a cada dia, trazendo graves impactos para nossa sobrevivência.

Muitas vezes, para alcançar uma nova ilha de floresta, sou forçada a cruzar estradas e rodovias – um trajeto perigoso onde muitos dos meus irmãos perdem a vida atropelados. É irônico e contraditório: os seres humanos destroem nosso lar e, em seguida, nos classificam como uma “espécie ameaçada de extinção” por consequências que eles mesmos provocam.

Das singularidades dos cães

Luizinho Trocate



Foto do autor – Fabiana, fotografada em Londrina PR

Minha vida tem cachorros!

Personalidade é uma coisa! Um olhar superficial não revela, há que se olhar com olhos de enxergar; pessoas são assim; e – todo animal – cães também são assim.

Dalila era uma "gatinha", ou melhor, uma cadelinha linda. Pequenininha, sua vida era correr atrás de uma bolinha – se jogasse a bolinha pra ela, ela trazia de volta o tempo todo, até o "lançador" desistir, que esse verbo ela não conjugava. Não era "minha", era amiga inseparável da minha filha Renata, a vida as separou como sói acontecer a tudo e todos.

Chulinha era "ninfomaníaca"! Não sei se isso cabe pra caninos, enfim, a safadinha não podia ver / ouvir / sentir o cheiro de um cachorro por perto que endoidecia. Castrada, parece que a cirurgia não funcionou, não sei, tínhamos que manter o portão fechado ou senão.....

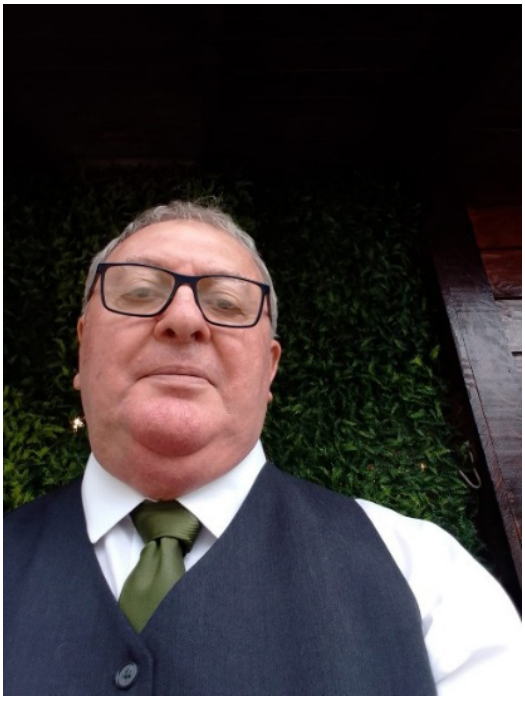
Ursinho veio de brinde! Um colega de escola -chamado Binho – que tinha um pai dono de açougue, o que é uma informação irrelevante para o caso, e uma irmã linda -Suzana -, e essa informação, ainda que igualmente irrelevante me traz boas recordações; Suzana foi minha namoradinha de brincadeirinha, um beijinho aqui, um abraço mais desconcertante ali. (nas noites de sábado assistíamos "Caravana" e depois "Bonanza" abraçadinhos no sofá. Os adultos achavam graça nesse suposto "namorico" - não tínhamos 10 anos! - num tempo de pouca maldade, ou pelo menos quando "as coisas aconteciam por debaixo do pano", sem alarde como hoje). Era um sonho de crianças desses que por vezes acabam mal, felizmente não acabou assim; simplesmente acabou. Por que Ursinho foi brinde? Binho ganhou o cachorrinho e foi buscar; fui com ele. Os pais não foram informados do "presente" e não gostaram. Repassado pra mim, vivi um amor profundo por esse cãozinho preto e branco e peludinho, daí Ursinho. Ficou comigo muito tempo até viajar pro céu dos cachorrinhos. Não era a intenção, mas até rimou.

Peri era uma coisinha linda. Cachorro de roça, primeiro cãozinho que conheci. Eu era bem novinho, lembro pouco. Sei que por esse tempo morávamos no Sítio São Torquato, dos meus pais, que ficava cerca de 15 minutos da cidade. Quando meu pai chegava da cidade e por acaso era surpreendido na estrada pela chuva (a cavalo, de carroça ou

a pé) minha mãe colocava o guarda-chuva na boca do Peri que corria levar o providencial “EPI” até meu pai; Peri sabia dessa “obrigação” e ao pressentir chuva, notando que meu pai não estava em casa, já se postava ao lado do porta-guarda-chuvas. Era uma brincadeira que todos achavam legal e era.

Teca era da minha Tia Vilma e do meu Tio Mané. Tio Manezinho Trocate tinha vários cães, todos perdigueiros, mas Teca era especial. Lider da matilha, conduzia a tropa nas caçadas (por esse tempo caçar era visto como coisa normal, sempre fui contra, mas o objetivo aqui não é fazer julgamentos) e nestes momentos, diziam, era “fera”, mas no “aconchego do lar”, entregue aos carinhos da Tia Vilma, se transformava. Era um agarramento só; dormiam na mesma cama (o que também acho desaconselhável e desnecessário, mas tudo bem); não se largavam até que o destino as separou, Tia Vilma morreu jovem, Teca sofreu muito e logo a acompanhou. A vida do pobre do Manezinho desandou.

Bom, é isso. Ainda tenho diversos outros causos de cães pra contar, mas isso é crônica e não romance, o texto está ficando muito longo então é melhor deixar pra próxima. Em breve retorno com os cães que, de uma forma ou outra, preencheram minha vida



Sobre o autor: Luizinho Trocate (heterônimo de Luiz Ramos), natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo, Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”. Contatos: slramos224@gmail.com. Direitos autorais protegidos conforme Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Entre espinhos, seca e memórias

Ruama Mascarenhas Lopes, Elmo Borges de Azevedo Koch, Eraldo Medeiros Costa Neto



Ilustração gerada por Inteligência Artificial (Gemini / Google).

Meu nome é Palma-forrageira (*Opuntia ficus-indica*). Talvez você me conheça por outros nomes, talvez você já tenha passado por mim sem ao menos me notar, ou talvez eu já tenha feito parte da sua alimentação sem que você soubesse da minha história. Sou uma planta, mas minha existência não é tão silenciosa quanto parece carrego no corpo as marcas do lugar onde cresci, das relações que estabeleci e das transformações que enfrentei para continuar existindo.

Minha linhagem aprendeu a viver onde a água disponível é presença rara. Espalhada pelos ambientes áridos do mundo, encontrei no Nordeste brasileiro um lar onde a escassez de chuva faz de cada gota um tesouro. Não possuo folhas convencionais; meu corpo se estrutura em cladódios – caules verdes, achatados e suculentos. O que aos olhos desatentos parece uma forma curiosa é, na verdade, pura estratégia de sobrevivência. Minhas folhas modificaram-se em espinhos para me proteger e conter a transpiração. Armazeno água no caule e realizo a fotossíntese "respirando" apenas durante a noite, quando o ar fresco do sertão impede que eu perca a umidade acumulada.

Mas não pense que sou invencível. Preciso de luz, nutrientes e do ciclo das chuvas para florir, frutificar e espalhar sementes. Multiplico-me também quando um pedaço de mim cai ao solo e ganha raízes, transformando um fragmento de vida no recomeço de outra.

Não vivo isolada. Minhas flores oferecem néctar aos polinizadores, meus frutos alimentam a fauna e minhas raízes sustentam interações invisíveis abaixo e acima do solo. E há uma relação que redefiniu minha

trajetória: a convivência com vocês, seres humanos. Para quem olha de longe, posso parecer apenas um cacto espinhoso. Mas quem conhece meu valor enxerga em mim alimento, trabalho, resistência e memória. Sou abrigo e sustentação para rebanhos nos períodos mais severos de estiagem.

Entretanto, minha história com as pessoas não se limita aos currais. Sou também uma PANC – Planta Alimentícia Não Convencional. Ser assim chamada não significa que eu seja nova ou rara, mas que meu uso na alimentação humana ainda precisa ser redescoberto e valorizado. Quando chego ao prato refogada ou em receitas tradicionais, deixo de ser apenas um organismo enraizado para me tornar patrimônio cultural e afeto: alguém me cultivou, colheu e aprendeu a me preparar.

Existo sem saber que sou objeto de estudo ou símbolo de resiliência. Sou feita de água guardada, luz capturada, raízes profundas, flores e encontros. Sou parte de uma Caatinga que não se resume à aridez. Da próxima vez que nos encontrarmos na paisagem ou na mesa, espero que você veja além do vegetal: reconheça as mãos que guardaram esses saberes e a rede viva que me permite continuar existindo.



Poemas

Luar por trás da serra

Ariane de Medeiros Pereira

São José do Seridó/RN

Nos sertões do Nordeste, a lua surgia,
banhando o céu em prata e poesia,
como quem, em silêncio, se vestia
das águas cristalinas que as montanhas escondiam.

Derramava sua luz sobre a terra adormecida,
acariciava os caminhos, despertava a vida,
e, no brilho manso de sua claridade,
iluminava os desejos mais sinceros da humanidade.

Ao norte, apontava o rumo das embarcações andantes,
guiando sonhos, esperanças e destinos distantes.
E, entre as brumas, no abraço do nevoeiro,
espelhava a vida em seu movimento ligeiro.

Aos olhos atentos, cúmplices da noite em brasa,
revelava segredos que o silêncio guarda em casa.
Havia um encanto suspenso no ar,
um mistério antigo que só a noite sabe contar.

E o sertão, sob seu manto luminoso,
tornava-se imenso, profundo e misterioso.
As serras, testemunhas de um tempo sem fim,
guardavam o luar que florescia dentro de mim.

Ah, luar por trás da serra,
quanta beleza teu silêncio encerra!
És luz que atravessa a noite sertaneja,
és sonho que a alma contempla e deseja.

E quando te escondes no dorso da montanha,
deixas tua saudade na paisagem que banhas.
Fica o céu, fica a serra, fica a imensidão…
e um pedaço do teu brilho
morando no coração.

Natureza e a mulher

No caminhar do tempo
teu perfume veio com o vento
no desabrochar das rosas
mistura inebriante
aroma de encantos
pássaros e borboletas
enfeitam os campos
o cantar do sabiá
alegre e harmonioso
lembra tua voz
falando de amor

O sol e a lua
fazem os dias
as noites as vezes são frias
o sol é fogo
como o teu abraço
esquentando meu corpo

Tudo é natureza
o beija flor suga o mel
o mar quebra na praia
as estrelas brilham
no manto estelar

A natureza criou a mulher
a mais bela criação
Deus só olhou

a natureza que fez,
fez de você a mais bela flor
com sua nudez
vestindo meu corpo de amor.

Ariê de Moraes
poeta das flores
30/09/2021

Sol e lua

A nossa última noite, amor
não poderá ser efêmera
terá a duração de mil anos
nessa noite o sol e a lua
serão parceiros por todo o tempo

Nossa alcova estará coberta,
coberta de pétalas rosas,
brancas e vermelhas
o colchão forrado
de penas de ganso,
iluminação a meia luz
por velas aromáticas

O brilhante que traz
na corrente de ouro
será o prisma a refratar
toda magnificência

Você surgirá
linda e nua montada
em um cavalo branco,
tomarei em meus braços,
não haverá pecado,

só momentos de amor,
colaremos nossos lábios
em beijos vulcânicos,
sugarei teus seios
até incendiar teu corpo,

nos tornaremos brasas,
brasas vivas...
Na nossa última noite de amor,
o sol e a lua brilharão juntas
no exato momento do mais puro prazer.

Ariê de Moraes
poeta das flores
12/03/2015

Bernardo Santos

Colheita

Ainda escuro
noite de medo
engano
e incerteza.
Canto e pão
trigo maduro.
Tempo de ceifar
feijão em flor
milho e pipoca.
Tempo de amar
no chão
na cama
na grama.
É preciso plantar
tanto e sempre.
Acolhe o Sol
o amanhecer
lavra a luz
no milharal.
Cana verde
açúcar cristal.

Cresce o fruto

doce e graúdo.

Acorda o campo

anunciando a hora:

é preciso colher.

Bernardo Santos, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Têm publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico O aluno do Passado (e-book Amazon, 2022). As participações mais recentes estão na e-Coletânea Pasárgada: Territórios da Imaginação (FênixArt/AudiÓptico – Curitiba/PR), nas revistas *LiteraLivre 59* (Jacareí/SP), *Folklórika 1* (Vila Velha/ES) e na natalense *Barbante 192.*



Lua Vermelha

Uma lua vermelha no horizonte
Anunciando as dores do mundo
Destrói do índio o lugar fecundo
Com o fogo de forma rompante

E a natureza chora agonizante
À beira dum tremendo deserto
Deixou pro índio futuro incerto
Viver na terra a vida descrente

Os animais ao tempo escutam
Sussurrando para aos ventos
Suas tristezas, seus lamentos
Que pra sobreviver eles lutam

É o mais triste fim de uma era
Onde flora, fauna queimaram
Mais desmatamentos criaram
Poluíram a vida da atmosfera

Daniel Bezerra
23/08/2019

Cuidem dos nossos Animais

Há olhos que pedem carinho,
As patas cansadas de andar,
Um coração busca um ninho,
E uma mão para os acariciar.

Não sabem falar de tristeza,
Mas sentem abandono e dor,
Carregam na alma a pureza,
E retribuem tudo com amor.

Não são brinquedos da gente,
Nem vidas para se descartar,
Eles sentem profundamente,
E merecem respeito e um lar.

Quem cuida espalha bondade,
Quem protege aprende a amar,
Pois não existe humanidade
Onde se ensina a maltratar.

Daniel Bezerra
30/10/2026

A Beleza da Natureza

O sol derrama seu ouro,
Sobre as folhas a bailar,
A brisa canta em coro,
E o rio aprende a sonhar.

A flor desperta em silêncio,
Bebendo o orvalho da manhã,
A vida revela seu mistério,
Na dança leve da hortelã.

O vento acaricia a serra,
A chuva beija o chão,
A natureza abraça a terra,
Com mil cores no coração.

Mas há beleza ameaçada,
Por quem esquece de cuidar,
A própria vida é sufocada,
Quando deixamos de preservar.

Daniel Bezerra
30/10/2026

É ISSO

Itaní de Oliveira

E esse sentimento?
Um fascínio que ilumina,
uma alegria que contagia,
uma magia que determina.

E essa alegria?
Um sentimento que dói,
uma saudade que corrói,
algo que se constrói.

E esse sentimento alegre?
Uma esperança viva,
uma energia que vibra,
uma decisão de vida.

Novo ciclo

E hoje um ciclo se encerra
O que passou, passou, já era
Não vou me lamentar
A vida eu quero comemorar.

Mais um ano para agradecer
Mais um ano para continuar a viver
Nem tudo foi felicidade
Mas tudo contribuiu para minha maturidade.

Que eu tenha saúde em primeiro lugar
Abraços para me amparar
Disposição para não desanimar
Foco naquilo que eu pretendo realizar.

Desejo simplesmente
Que eu seja resiliente
365 dias seguindo com fé e gratidão
Paz na alma e no coração.

Sobre a autora:

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas. Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane


NATUREZA
DO BRASIL

Na primeira atividade da disciplina Escrita Criativa, lecionada pelos professores doutores Eraldo Medeiros e Elmo Koch, que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), foi proposta uma imersão interativa com cartas de tarô da biodiversidade, com a finalidade de atingir a criatividade dos discentes e explorar a imaginação sem as formalidades acadêmicas.

Foram colocadas algumas cartas em cima da mesa, todas viradas para baixo. Dessa forma, os alunos foram escolhendo aleatoriamente as cartas e observando atentamente o que estava na imagem; com isso, a imaginação fluiu e tivemos um determinado tempo para organizar as ideias e depois colocá-las no papel e, posteriormente, no notebook.

A carta que eu senti de escolher se intitula LOS ENAMORADOS VI



Primeiramente, fiquei bastante reflexivo e internalizando o que estava observando na carta. Todas as palavras que me vieram em mente eu coloquei para fora, escrevi. As palavras foram: relações, cuidado, carinho, adaptação, sentimento, companheirismo, genuíno, taxonomia, função ecológica, filogenia, dispersão e licuri.

Após esse conjunto de palavras, apareceu uma ideia de fazer talvez uma poesia, algo simples, mas que representasse aquilo que estava sentindo. Ficou assim:

Para além do que se vê

Ivan Santos Teixeira

Senhor do Bonfim/BA

Aves companheiras,

Sentimento genuíno,

Fidelidade eterna,

Elo que se entrelaça.

Adaptações morfológicas,
Funções ecológicas,

Perpetuação das espécies,

História evolutiva mantida.

Em seus bicos e penas, o traço velado:

Adaptações moldadas no tempo e na forma,

A morfologia perfeita de quem busca o fruto

E transforma a jornada em vida que se renova.

Na dispersão da semente que cai sobre a terra,

Germina a floresta, o ciclo, o abrigo.

Não é apenas o voo de quem busca o céu,

É a função ecológica de ser elo e companheiros.

Seja no entrelaçar da mesma plumagem,

Ou na aliança discreta com o ecossistema ao redor,

A natureza ensina que na sintonia pura

Reside a perpetuação de algo maior.

Pois para além do visível, no toque invisível,

A lealdade costura o tecido do mundo:

Onde a parceria guia a existência,

E a vida se conecta em um laço profundo.

No entanto, senti que ainda faltava algo, então resolvi escrever...

“A lealdade mantém a história evolutiva da espécie”

Existem aves que, ao interagirem, conectam-se de uma forma pura e genuína. Nasce a fidelidade; o companheirismo é para todo o sempre. Essas aves, em especial, possuem diversos “poderes”; um deles é a dispersão de sementes.

Talvez muitas pessoas não entendam a importância disso, as relações que existem que muitas vezes estão além do que podemos enxergar, mas são fundamentais. Podemos citar o companheirismo entre essas espécies, que ao se conhecerem e ali, naquele momento, tiverem uma sintonia, se entrelaçam, e vivem juntos até o fim de suas vidas.

As relações entre esses seres são múltiplas, ocorrendo entre as mesmas espécies como também com outras espécies. A sobrevivência e perpetuação dessas espécies dependem dessas relações, precisamos enxergar com outros olhos as interações ecológicas; tudo está conectado de alguma forma, só precisamos entender e saber como.

João Vittor Gomes Firmo

Haikais

Uma mosca pousa
na minha xícara quente —
visita volátil.

No terreno plano,
ela anda com esforço —
abelha nas mãos.

As mãos feridas
trazem marcas dos ataques —
formigas raivosas.

BIOGRAFIA

João Vittor Gomes Firmo é Licenciado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mediador de leitura, poeta, contista, cronista e haijin. Na atualidade, realiza Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. A trajetória como artista da palavra teve início em 2014, e as suas escrituras integram revistas literárias (*Artes do Multiverso*, *Barbante*, *Lagamar* e *Viagem Literária*) e plataformas de divulgação artística (como o *Blog Relicário*, do CPII - *Campus* Duque de Caxias, e o perfil da *Torre de Babel*, projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ, no *Medium*). Além disso, teve poemas selecionados para compor antologias de âmbito nacional (*Editora Pangeia*, *Grupo Editorial Hope* e *Grupo Nacional de Estudantes de Filosofia - GNEFIL*) e internacional (*Instituto Cultural de Évora - ICÉ*). Enquanto haijin, desde 2024, atua como membro do Núcleo de Haikai do Instituto Cultural Brasil-Japão (NHICBJ) e foi um dos aprovados no 2° Concurso Literário @haikai.brasil e na chamada da Editora Persona para a coletânea "Haicais e Tankas 2025". No que diz respeito às comunicações poéticas, as apresentações de textos autorais foram acolhidas por instituições como o Colégio Pedro II (CPII), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Museu Nacional/UFRJ, o Instituto Cultural Brasil-Japão (ICBJ), o Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras (ABL). Contato: vittorfirmo@letras.ufrj.br.



Fonte: Aline Gomes e Luana Gomes, 2025

O Bálsamo da Foice

O peito clama, selvagem e refratário ao fim nefasto,
Sangrando em vãs contorções contra o véu que o asfixia,
Porém, nas catacumbas deste ser, outrora tão vasto,
A foice sussurra, entoando uma macabra sinfonia.

E sob a abóbada de um solitário e gélido cipreste,
Enquanto a carne febril se debate na sua tormenta,
Sinto o inebriante perfume de que a sombra nos reveste,
Doce promessa de uma noite perene que nos acalenta.

Eu fujo do espectro que o implacável relógio brande, mudo,
Temendo a voragem da vida que em ruínas se estraçalha,
Mas na tua escuridão, que me serve de berço e de escudo,
Anseio pelo sono dócil que sucede a inútil batalha.

Oh, pálida ceifadora de semblante alabastrino!
Tu és o ápice do pavor, mas és também a paz que me invade;
Pois na lúgubre e incontestável certeza do meu destino,
Se o viver é a chaga aberta, a tua morte é a liberdade.
Saudade.

Marcus Hemerly

MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly, é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos Anversos”, “Alvéolos da Alma” e coautor em antologias poéticas e de contos. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos. Pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.



Cerejeira

Oĥ! bela árvore perfumosa!

Sútil segredo que carrega eterna,

Explosão de flores no meu jardim.

A beleza de suas cores alegra meu dia,

Flores brancas enfeitando o céu,

Raízes de vida sob o solo germina.

Minha alma enfim suspira

Perto de ti, sinto o porvir

Aquarela em tela viva!



Animais do Fundo do Mar

Estrela-do-mar

Oh, estrela linda, dourada no azul do mar

Tu és a mais bela dos animais a nadar

Rainha de forma admirável

Te encontrar me faz feliz

Pedaço do mar perto de mim.

Ouriço do mar

Você mais parece uma bolinha

Espinhos como armas para fugir de mansinho.

Se mexendo devagar é constante em alto-mar

Trabalha na reciclagem para a cadeia alimentar.

Golfinho esperto

Todo mundo já ouviu falar

Que o golfinho é esperto demais

Ótimos nadadores e saltadores

Usam a acústica para comunicação.

Conquista toda gente e faz amigos

Assobiam para se comunicar e agitam

Com eles no mar, só respeito podemos dar

Salve sua existência que todos admiram!

Cavalo Marinho

Cavalo marinho, quero te dar um carinho
Teu jeito delicado, conquista todo o espaço
Nada devagar, se camufla e foge sem parar
Muda de cor, colorindo o fundo do mar.

Baleia em alto-mar

Era uma vez uma baleia azul
De porte grande e dentes fortes
Nadou lá no fundo e subiu tomar ar
Linda ao horizonte na água a nadar
Cachalote, franca, jubarte, de norte ao sul
Por vezes saltando em alto-mar.

Pinguim amigo

Amigo do ecossistema, bem vestido de penas
Com seu andar engraçado e asas para natação
Essa ave marinha cativa onde vai
Suas cores em preto e branco é pura perfeição
Fazendo amigos no mar e na praia
Importante na teia alimentar se camufla no mar.

Minibiografia



Silvane Silveira Fernandes nasceu em Ponta Grossa (PR), onde reside. Mãe da Gabriela e do Eduardo, é escritora, poeta e advogada formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com pós-graduação pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Apaixonada por livros desde a infância, encontrou na literatura infantil e infantojuvenil um poderoso instrumento para educar, divertir e semear reflexões para o futuro. Autora prolífica, possui sete livros publicados entre romances, poesias e narrativas infantis (com destaque para as obras ecológicas Sauí, o mico-leão-dourado e A casa do joão-de-barro). Seus textos integram mais de 40 antologias e revistas literárias nacionais e internacionais (como Ruído Manifesto, The Bard e Mães que Escrevem). É também colunista da Revista Animalista e Revista Aspas Duplas, integrante da Confraria Ciranda Poetrix. Personalidade Literária pelo Prêmio 2024, Editora Holandas; 2° Lugar Concurso VI Literário, modalidade Poetrix – Prêmio Carla de Faria; 1° lugar na XVII Seletiva Nacional de Poesia – 2026, para a edição do livro XVII Coletânea Século XXI, PoeArt Editora, desde 2006. Acompanhe seu trabalho em: @silvanesilfernandes.



BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

Flávio Rezende é jornalista, fotógrafo profissional e residente em Natal, Rio Grande do Norte

jornalistaflaviorezende@gmail.com

TEMA DAS IMAGENS

Animais



Expediente

Expediente

Revista Thorzinho

Vol. I - Nº 10 - 01 de novembro de 2026
ISSN 3086-3961
Periodicidade: Mensal

Editora-chefe

Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta

Janiara de Lima Medeiros

Revisão
Dos autores

Conselho editorial

Amanda Cardoso

Maria Reilta Dantas Cirino

Shirlene Santos Mafra Medeiros

Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Ilustrações
Flávio Rezende

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

******

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.